

Envelhecimento humano e resiliência na literatura: um estudo de *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway

Human aging and resilience in literature: a study of *The old man and the sea*, by Ernest Hemingway

Márcia Medeiros

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Dourados, MS, Brasil.

E-mail: medeirosmarciamaria@gmail.com

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre a figuração do envelhecimento humano através do texto literário, destacando a questão da resiliência, especificamente do personagem Santiago, do livro *O velho e o mar*, escrito por Ernest Hemingway. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e teórica, analisando-se os parâmetros relacionados às três principais forças da literatura, *mathesis*, *mimesis* e *semiosis*, descritas por Roland Barthes, aliadas à premissa foucaultiana de autocuidado. Conclui-se que é possível falar de resiliência e envelhecimento humano relacionando essa práxis com o processo de cuidar de si mesmo, percebido por Michel Foucault, e que essa questão se constrói ao longo da vida, criando a partir de atitudes subjetivas o caminho para o envelhecimento com melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: Envelhecimento; Resiliência Psicológica; Filosofia.

Correspondência

Cidade Universitária de Dourados. Rodovia Dourados-Itahum, km 12, s/n, Jardim Aeroporto. Dourados, MS, Brasil. CEP 79804-970.

Abstract

This article aims to reflect on the figuration of human aging in the literary text, noting the issue of resilience, specifically of the character Santiago, from the book *The old man and the sea* written by Ernest Hemingway. For this purpose, a bibliographical and theoretical research was carried out by analysing the parameters related to the three major forces of literature, *mathesis*, *mimesis* and *semiosis*, described by Roland Barthes, allied to the Foucauldian premise regarding self-care. It is concluded that it is possible to speak of resilience and human aging when relating this praxis to the process of caring of the self, as perceived by Michel Foucault, and that this question is constructed throughout a lifetime, by creating from subjective attitudes the way to the aging with better quality of life.

Keywords: Aging; Psychological Resilience; Philosophy.

Introdução

Quando foi escolhido para a cátedra de semiologia literária do Collège de France, em 1977, Roland Barthes proferiu uma palestra como aula inaugural que ficaria marcada como um dos elementos mais importantes dos estudos literários. Nessa aula, Barthes fala sobre as três grandes forças da literatura: *mathesis*, *mimesis* e *semiosis* (Barthes, 1989).

Tendo por base as três premissas barthesianas, este artigo busca correlacionar a escrita de Ernest Hemingway, especificamente na obra *O velho e o mar*, e as contingências relativas ao processo do envelhecimento humano e da resiliência presentes no texto. Essa opção se faz por entendermos, assim como Barthes (1989, p. 18), que a literatura trabalha “nos interstícios da ciência”, que são, aqui, as áreas inerentes ao envelhecimento humano.

Assim, percebemos ser possível utilizar a literatura como ferramenta para discutir envelhecimento humano e resiliência, porque a literatura entende “algo das coisas, [e] sabe muito sobre os homens” (Barthes, 1989, p. 18). Dessa forma, ela permite que os saberes circulem sem criar fixidez ou qualquer tipo de engessamento, possibilitando interpretações variadas.

Daí os questionamentos que movem este trabalho: como se prefigura na obra de Hemingway a questão do envelhecimento humano e da resiliência? A obra pode ser entendida como um espelho que reflete de maneira distorcida a forma como um dado extrato cultural vê a questão do envelhecimento? Ou ela retrata quase que fielmente esse fenômeno e os preconceitos sociais inerentes a ele?

O velho e o mar: uma breve apresentação

O livro *O velho e o mar* foi escrito pelo norte-americano Ernest Hemingway em 1951, durante uma estadia do escritor em Cuba. O livro foi publicado em 1952 e é considerado uma das obras mais importantes do autor, tanto que o qualificou para disputar o Prêmio Nobel de Literatura em 1954.

O livro narra a história de um velho pescador, um viúvo chamado Santiago, que há exatos 84 dias não pesca sequer um peixe. Santiago tem um amigo, na figura de um jovem rapaz chamado Manolin, a quem

ele ensinou a pescar e que sempre o incentivava a continuar seu trabalho.

Manolin foi aprendiz no barco de Santiago por algum tempo, mas seus pais o colocaram para trabalhar em outro barco por considerar o velho pescador um sujeito que atraía má sorte, acabando por arrastar também seu filho para a vida de miséria que levava. No entanto, mesmo impedido de pescar com o amigo, o jovem nunca deixou de visitá-lo e de ajudá-lo nas tarefas quando podia, inclusive levando comida ao velho quando este estava em situação extrema de penúria:

- O que é que você traz aí? perguntou ele.
- O jantar, respondeu o rapaz. Vamos jantar.
- Não tenho fome.
- Mas você precisa comer. Não pode ir à pesca sem comer.
- Já comi, murmurou o velho, levantando-se e dobrando o jornal. Depois começou a dobrar também a manta.
- Ponha a manta nas costas, disse o rapaz. E fique sabendo que, enquanto eu for vivo, você não irá à pesca sem comer. (Hemingway, 1962, p. 23)

Ao amanhecer do 85º dia sem pescar nenhum peixe, o velho Santiago sai mais uma vez à procura do seu ganha-pão. Logo que alcança uma corrente de alto-mar, sente um peixe fregar a isca que levava solta na água. Santiago fiska o peixe e não tem uma exata dimensão do tamanho de sua presa, mas sente que cada vez mais o peixe o carrega oceano adentro.

Em dado momento, o peixe salta da água em toda sua majestade, e o velho se dá conta de que, literalmente, ferguson um monstro. O peixe tem cerca de cinco metros de comprimento e pesa quase uma tonelada. Assim, homem e peixe lutam por três dias até que finalmente o velho consegue matá-lo e amarrá-lo à lateral de sua canoa.

No entanto, ao voltar para a costa, sua presa é atacada por tubarões, que começam a se alimentar do peixe morto. Santiago até consegue vencer uma primeira batalha contra os predadores, mas logo percebe que a luta é inútil. Derrotado, o velho continua navegando, vendo sua maravilhosa presa sendo pouco a pouco devorada. Quando chega à praia, o peixe nada mais é que uma carcaça.

Santiago ficou muito ferido de sua batalha solitária contra o gigantesco peixe e depois contra os tubarões. Sofreu cortes profundos em suas mãos, machucou as costas e padeceu com o calor do sol e a desidratação. Durante os dias em que ficou sumido, seu jovem amigo Manolin ficou a observar o horizonte, à procura de seu mentor. Foi o rapaz quem tratou de cuidar do velho, prestando-lhe o apoio necessário.

Na praia, a enorme carcaça do peixe ferguson por Santiago fez com que todos olhassem para o velho com renovado respeito. Turistas paravam ao lado da ossada descomunal, impressionados com sua grandiosidade. Quando perguntavam aos guias o que se havia passado, eles só respondiam com uma palavra: *tiburón*. O texto termina assim: com os turistas impressionados pela enorme carcaça (alguns até achando que era de um tubarão), e com o velho dormindo em sua cabana, vigiado pelo menino.

Santiago: a figuração de um velho pescador ou de outros tantos velhos

Quando abre as páginas do romance que conta a história do pescador Santiago, Hemingway (1962) o descreve dizendo que ele saía para pescar em uma velha canoa e que em 84 dias não apanhara nenhum peixe. Diz ainda que nos primeiros 40 dias dessa caminhada lhe acompanhara o rapazinho chamado Manolin, mas depois os pais do menino o retiraram da companhia do velho, pois julgaram que este era azarado. No entanto, isso não impedia que o menino nutrisse pelo velho amor e respeito, pois Santiago o havia ensinado a pescar.

Percebemos no transcorrer da história que o velho representa um mestre para o jovem pescador, uma espécie de ponte de comunicação entre o seu tempo e o tempo do menino, sendo que, nesse processo, ele procura ensinar ao rapaz coisas que conhecia e que a vida lhe ensinara. Isso criou entre eles um vínculo, como se percebe na seguinte passagem: “O velho ensinara o rapaz a pescar e por isso ele o adorava” (Hemingway, 1962, p. 9).

Outra coisa que fica latente no texto é o fato de que os outros pescadores (principalmente jovens) troçavam de Santiago, devido à sua idade, e que aqueles pescadores que eram de mais idade

sentiam-se tristes ao olhá-lo, como se sua presença prenunciasse um futuro breve de decadência apontado para eles. Nesse sentido, é possível compreender o que Pessini e Siqueira argumentam quando dizem que:

A compreensão do sentido do ser idoso deve ser colocada no contexto dos seres humanos, em uma perspectiva histórica e temporal: o processo de acumular anos, do qual o idoso é uma parte e expressão concreta do tempo. Ser gente é estar situado no tempo. A temporalidade é constitutiva da existência humana. (Pessini; Siqueira, 2013, p. 111)

Cabe questionar, quando o velho é observado pelos outros pescadores que dele acham graça ou que se sentem tristes ao vê-lo, que imagem Santiago representa para eles. Para os primeiros, é pertinente falar na “cultura da obsolescência” (Pessini; Siqueira, 2013, p. 111), que vê no idoso algo descartável e cujo primeiro passo tangível está posto na segregação daquele que é descartável.

Quanto aos segundos, podemos inferir que se sentem tristes com a presença do velho pelo fato de que nele percebem o tempo passando, como um reflexo do tempo que passa para si próprios. Dito de outra forma, ver a situação de pobreza, miséria e descrédito em que se encontra Santiago os faz questionar se aquele não poderá ser, em breve, seu próprio futuro.

Essa questão traz inerente em si o processo que reflete o sentido de envelhecer, lembrando que este difere entre os velhos no que tange a aspectos econômicos, sociais, culturais e de gênero. A lógica que constrói a imagem do velho pescador Santiago corrobora a lógica pensada por Silva (2008), atinente ao período histórico em que a questão do envelhecimento humano começou a ser observada.

Dados trazidos pela autora referem que inicialmente se associava a senescência à improdutividade (Silva, 2008). Nesse contexto, Silva (2008) faz a associação entre o processo de modernização da sociedade e a periodização da vida. Assim, no que tange à divisão do trabalho no mundo capitalista, aquele que envelhece, não tendo mais a força devida para prover o seu sustento, ou aquele que atinge uma determinada idade por conta da qual

deve ser afastado do trabalho torna-se improdutivo. Aos olhos da coletividade, Santiago é improdutivo.

Hemingway dá detalhes precisos sobre a forma física de Santiago quando o descreve, denotando o quanto a vida árdua labutando nos mares tropicais deixou marcas em seu corpo, tornando-o, de certa forma, mais velho ainda devido aos ditames da natureza inclemente:

O velho pescador era magro e seco e tinha a parte posterior do pescoço vincada de profundas rugas. As manchas escuras que os raios do sol produzem sempre, nos mares tropicais, enchiam-lhe o rosto, estendendo-se ao longo dos braços, e suas mãos estavam cobertas de cicatrizes fundas que haviam sido causadas pela fricção das linhas ásperas enganchadas em pesados e enormes peixes. Mas nenhuma destas cicatrizes era recente.

Tudo o que nele existia era velho, com exceção dos olhos, que eram da cor do mar, alegres e indomáveis. (Hemingway, 1962, p. 10)

Compreende-se o corpo velho representado em terminologias como “magro e seco”, ou então dotado de “profundas rugas” (Hemingway, 1962, p. 10). Percebemos a intenção do autor de trazer a ideia do sofrimento de uma vida, respaldada nas “manchas escuras” e nas “cicatrizes fundas” (Hemingway, 1962, p. 10). Essas expressões são utilizadas como referência para marcar a ideia de fragilidade física que o envelhecimento traz ao ser humano.

No entanto, Hemingway deixa claro que os olhos do velho não eram velhos. Tudo nele era velho, menos os olhos. Estes são descritos como sendo da cor do mar – que pode ser azul ou verde –, alegres e indomáveis. Em primeiro lugar é preciso perceber que os olhos da cor do mar refletem a imagem de algo que não pode ser compreendido senão pelo preceito da imensidão. Somente quem já viveu uma vida e chegou à velhice tem dimensão clara do sentido da palavra e pode, a partir dela, ressignificar-se em essência.

Além de contemplarem a imensidão, os olhos de Santiago revelam que, embora velho no que tange ao seu corpo físico, o pescador possuía uma alma que mantinha a essência da juventude, apontada nos

adjetivos “alegre” e “indomável”. É isso que o faz se levantar cotidianamente e persistir no seu fado dia após dia, pescando, sofrendo com as agruras do mar e sem conseguir nenhum peixe. É isso que o impele, após 84 dias sem nada, a continuar buscando um objetivo.

Santiago é um velho dotado de ímpeto, mas não de um ímpeto qualquer. A reminiscência que se busca aqui é a do *ímpetus* no sentido latino da palavra, que remete à ideia de impulso e vigor. Assim, a força de Santiago vem de dentro de si próprio, se origina de seu *anima*, ou princípio vital, e este processo não tem uma idade para acontecer.

Figurações da resiliência em Santiago: o velho como força de resistência

O enfraquecimento físico, a ideia de debilidade que mormente acompanha o processo de envelhecimento, não necessariamente é acompanhado pela debilidade psicológica. Em geral, as pesquisas que abordam o processo de envelhecimento buscam se debruçar sobre fatores que tratam das fragilidades do idoso, como a demência ou as violências das quais ele é alvo (Vieira, 2010).

No entanto, quando observamos a figura do velho Santiago, mesmo com todas as agruras de uma vida difícil, percebemos que ele tem um envelhecimento que pode ser considerado bem-sucedido. Ele se mantém ativo e faz sua vida ter um sentido ou um significado, mesmo diante da adversidade. Como isso se processa? E, principalmente, que motivos o levam a isso, sejam objetivos ou subjetivos?

É importante ressaltar a presença de Manolin. O menino é um dos motivos pelos quais o velho se mantém incólume, como se percebe na seguinte passagem, em que o jovem exalta o valor de Santiago enquanto pescador e em que este último deixa claro que, apesar de a idade lhe fragilizar a força, lhe sobra muito mais sabedoria:

- *Qué va!* Exclamou o rapaz. Existem pescadores bons e alguns mesmo ótimos. Mas como você não há nenhum.
- Obrigado. Gosto de ouvi-lo dizer isso e espero que não me apareça pela frente nenhum peixe grande demais para o desmentir.

- Não existe nenhum peixe grande demais se você ainda é tão forte como diz.
- Pode ser que eu não esteja tão forte como penso, admitiu o velho, mas conheço todos os truques e não me falta decisão. (Hemingway, 1962, p. 27)

Na fala de Santiago, percebemos que ele admite que não necessariamente mantém a força da juventude, mas no lugar dela possui duas qualidades importantes: a sabedoria que os anos conferem e a vontade representada na ideia de decisão, que não lhe falta. Aqui podemos trazer enquanto elemento de comparação a ideia de Ryff (1989 apud Vieira, 2010), pautada na psicologia positiva, mostrando que a resiliência de Santiago se faz a partir de um propósito de vida.

Ele ainda é um pescador. Ele ainda sente que tem algo a ensinar ao menino. Ele se vê como um exemplo aos olhos do garoto mesmo que isso não lhe saia da boca em palavras. Ademais, ele aparentemente está sempre pronto para o que vier, pois prefere “fazer as coisas sempre bem. Então se a sorte me sorrir, estou preparado” (Hemingway, 1962, p. 39). Esse trecho corrobora ainda mais a premissa do propósito de vida. Só se põe em estado constante de alerta (estar preparado) quem não conta com o mero acaso, quem efetivamente se propõe a alcançar um objetivo, mesmo não tendo mais a confiança dos outros devido à fragilidade advinda da idade.

Durante toda sua luta contra o enorme peixe, Santiago não deixa de fazer recomendações para si próprio: “Pense constantemente no peixe. [...] Tenho de comer aquele atum antes que comece a luta, para estar forte. [...] mesmo que não tenha fome, você precisa comer de manhãzinha” (Hemingway, 1962, p. 58). Essas assertivas podem ser associadas à ideia do chamado cuidado de si (Foucault, 1985).

A ação de Santiago e o cuidado de suas recomendações remetem a uma espécie de “arte da existência” (Foucault, 1985, p. 49), na qual se pode dizer que os princípios do cuidado consigo mesmo se fundamentam em uma necessidade (que pode ou não ser momentânea) e comandam “seu desenvolvimento e sua prática” (Foucault, 1985, p. 49). No caso do pescador podemos dizer que esse processo não se deu de forma momentânea, por conta de sua luta com o peixe: Santiago já o fazia na forma de prevenção,

pois “bebia sempre uma xícara de óleo de fígado de tubarão que ia buscar no grande depósito do armazém” (Hemingway, 1962, p. 45).

Apesar o sabor desagradável, que causava aversão em seus colegas de profissão, o pescador costumava tomar o óleo como remédio contra constipações, dores estomacais e pelo fato de ser um auxiliar para a visão. Assim, novamente temos o encontro dessa figuração com a ideia de Ryff (1989 apud Vieira, 2010) no que tange ao chamado processo de autonomia, já que essa atitude de cuidado evitava doenças que poderiam impossibilitar o exercício de sua profissão.

Em vários momentos do romance existem passagens nas quais podemos associar o cuidado de si à exigência cotidiana que se faz ao corpo do pescador. E não só isso: é possível também perceber o quanto o pescador Santiago reconhece seu corpo, bem como tem cuidado para com ele, conforme demonstra a seguinte citação:

Esfregou a mão da cãibra nas calças, e tentou mover os dedos. Mas a mão não queria abrir-se. “Talvez se abra com o sol”, pensou. “Talvez se abra quando a carne forte do atum cru for digerida. Se não puder prescindir dela, tenho de abri-la custe o que custar. Mas por quanto não quero abri-la a força. Esperarei que se abra naturalmente e recupere a mobilidade por si própria. Afinal de contas, devo reconhecer que abusei dela durante a noite, quando foi necessário desprender e atar as diversas linhas”. (Hemingway, 1962, p. 73)

É importante salientar que mesmo o cuidado de si e o autoconhecimento que o texto revela que tem o velho pescador para com seu corpo não o impedem de considerar que este o trai, diante do momento que enfrenta. Isso fica claro quando Santiago pensa que a cãibra “é uma traição do corpo” (Hemingway, 1962, p. 75).

Diante da dor, Santiago sente-se traído e humilhado por seu corpo, e essa sensação era horrível para ele. Mesmo que estivesse ali sozinho com o peixe gigantesco, travando aquela que talvez fosse sua última grande luta, e que ninguém mais estivesse ali para vê-lo com a cãibra que lhe tolhia os movimentos, o velho sente-se envergonhado de um corpo que não permite que ele mostre ao peixe

o homem que ele é: “Gostaria de lhe poder mostrar que espécie de homem eu sou. Mas, nesse caso, ele veria a cãibra que tenho. É| melhor que ele julgue que valho mais” (Hemingway, 1962, p. 77-78).

Quem Santiago espera que reconheça o seu valor? O peixe ou a comunidade de pescadores da qual faz parte? A comunidade da qual agora está longe e que o julga já fadado ao fracasso apenas por ser idoso? Aqui podemos entender que o livro de Hemingway traz na luta entre homem e peixe uma espécie de metáfora da vida. Nela, os seres humanos precisam cotidianamente provar sua capacidade e, no caso dos idosos, essa cobrança aparece de forma mais clara. Sua possibilidade de realizar determinadas ações, principalmente aquelas que demandam força física, pode parecer surpreendente.

Elias (2001) aponta para essa premissa como sendo uma falta de alteridade. Etimologicamente originária do latim *alteritas*, a palavra alteridade traz em sua raiz a preocupação de entender o outro, de significar o outro em mim ou, dito de forma mais simples, de ter a capacidade de entender e de se colocar no lugar do outro.

Diante dessa premissa diz Elias (2001, p. 79) que: “Elas [as pessoas jovens] sabem que os velhos, mesmo quando saudáveis, muitas vezes têm dificuldade em mover-se da mesma maneira que pessoas saudáveis de outra faixa etária”. Os ditos sujeitos jovens tem a noção desse processo, mas mesmo assim não imaginam o seu significado, porque têm dificuldade de executar o exercício da alteridade e de se colocar no lugar de alguém na experiência de envelhecer.

Os jovens não se imaginam flácidos, frágeis, com dores devido a doenças reumáticas e com cãibras como as que acometem Santiago depois de uma noite insone batalhando em alto-mar com um peixe. Segundo Elias (2001, p. 80), isso acontece porque “não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado”.

Nesse contexto, Santiago representa um elemento de resistência, aquele que maravilha os mais jovens que dizem aos velhos “palavras gentis como: ‘Impressionante! Como você consegue se manter saudável? Na sua idade!’ ou ‘Você *ainda* nada? Que maravilha!’” (Elias, 2001, p. 81, grifo do autor)

A força de resistência do pescador não advém única e exclusivamente de um corpo acostumado à dureza da vida na pesca, mas também de um espírito inquebrantável, do desejo que esse homem tem de mostrar o seu valor; não pelas milhares de vezes em que já fizera atos incomuns e valorosos, mas por aquela vez, porque “o velho nunca pensava no passado” (Hemingway, 1962, p. 80).

No romance, essa força de resistência aparece próxima de uma força oriunda da espiritualidade, a qual não necessariamente deve ser entendida como uma religião/religiosidade, embora Santiago faça orações que envolvem o pai-nosso e a ave-maria, além de prometer uma peregrinação à Virgem do Cobre caso fisesse o peixe (Hemingway, 1962, p. 78).

A questão a ser observada é o fato de que depois de rezar, mesmo ainda sofrendo de dores e de desconforto, Santiago sente-se melhor. Ele consegue, por exemplo, mover os dedos da mão esquerda com o intuito de lhes devolver a agilidade anterior (Hemingway, 1962). Dessa forma, o estado de transcendência representado pelo momento de oração permite ao pescador uma melhor condição para “enfrentar situações de estresse e sobreviver” (Vieira, 2010, p. 25).

Outro ponto importante a se ressaltar é que permite entender por que o velho suportou a dura batalha travada em alto-mar está na questão da sabedoria que ele angariou por toda uma vida. E não só na sabedoria, mas também na paciência de que isso lhe dotou para que não tomasse uma decisão errada em um momento impróprio, corroborando a ideia de Cícero (2006, p. 33) quando este diz que: “a irreflexão assinala a idade juvenil, enquanto a prudência qualifica a velhice”.

Quanto à paciência, em determinado momento de seu combate com o peixe, depois de estar no mar há pelo menos dois dias e duas noites insones, Santiago diz sentir que “já fiz tudo o que tinha a fazer. Agora é esperar até que ele comece a descrever círculos e aguardar o começo da luta” (Hemingway, 1962, p. 104). Ou seja, o velho está preparado para o final da liça, fez o melhor que pode e tem consciência disso, restando agora tão somente esperar.

A questão da sabedoria também pode ser entrevista quando o velho, ao mirar o horizonte, diz: “Quando há um ciclone, veem-se sempre sinais no céu alguns dias antes, se se estiver no mar, naturalmente

[...]. Mas agora não há o menor sinal de tempestade ou ciclone” (Hemingway, 1962, p. 74).

Em outro momento, Santiago coloca a mão na água para sentir a velocidade com que o peixe o arrastava mar afora e nota que iam mais devagar. Então ele se propõe a “por dois remos cruzados na proa e o peixe terá de abrandar a velocidade durante a noite, disse o velho. Ele deve querer descansar e eu também” (Hemingway, 1962, p. 90).

Quando Santiago se sente fatigado e percebe que as forças estão se esvaindo, ele faz digressões e revive memórias do seu passado que lhe ajudam a recuperar as forças e a reordenar seus pensamentos. É como se, ao visitar essas lembranças, o velho se desse conta de que já enfrentara riscos tão grandes quanto (ou maiores do que) aquele que estava enfrentando e que, se saísse bem uma vez, poderia lograr novo êxito:

Quando o sol desapareceu no horizonte o velho Santiago recordou, para tomar mais coragem, aquela vez, em Casablanca, na taberna, quando medira forças com um negro enorme de Cienfuegos, que era o homem mais forte das docas. Havia ficado um dia e uma noite com os cotovelos assentes sobre um traço de giz feito na mesa, os antebraços eretos e as mãos apertadas com força. Cada um deles tentava forçar a mão do outro, sobre a mesa. E quando surgiu a luz do dia e os apostadores gritavam para que fosse dado empate e o árbitro já estava abanando a cabeça, o velho reunira todas as forças que lhe restavam e forçara a mão do negro para baixo, para mais baixo, até encostá-la à madeira da mesa. [...]

Durante muito tempo, depois disso, toda a gente o tratara por “O Campeão”. (Hemingway, 1962, p. 84-86)

A memória de uma grande vitória que nasceu de uma renhida luta, como a que agora estava vivendo o velho pescador, parecia lhe reanimar e trazer-lhe novamente forças para seguir lutando. Na lembrança da glória passada ele procurava o lume que lhe permitiria a glória futura.

Aquela memória lhe recordava uma “lembrança da imagem” (Le Goff, 2003, p. 436) que trazia em si a lembrança de um símbolo que o tornara campeão e conhecido de toda a gente. Assim, na luta com

o peixe, Santiago revive a queda de braço que o sagrou vencedor e com base nisso busca cristalizar uma nova memória a partir da qual ele se tornaria vencedor novamente.

Nesse momento, o auge da luta entre o pescador e sua presa se desdobra e, como nunca, o velho sabe que “o melhor é você ser corajoso e confiante, velho, disse o pescador a si mesmo em voz alta. Está outra vez a segurá-lo, mas não pode recuperar a linha que deixou correr para o mar” (Hemingway, 1962, p. 102). Assim velho e peixe iniciam a derradeira batalha.

O cansaço físico de que sofre Santiago fica expresso no uso de frases como “duas horas mais tarde sentia-se profundamente cansado” (Hemingway, 1962, p. 105-106), ou quando o pescador apresenta “a vista turvada com os pontos negros e que o sal lhe queimara os olhos e o ferimento do rosto” (Hemingway, 1962, p. 106).

Essa condição física, entretanto, não chega a causar-lhe espanto ou a preocupá-lo. O que deixava Santiago aflito era o fato de que ele se sentia estonteado e enfraquecido, o que poderia lhe causar a perda da sua presa. Mais uma vez a espiritualidade se faz presente como um elemento que dá esperança e serve como lenitivo para aumentar as forças do pescador: “só peço que Deus me dê forças para aguentar. Direi uma centena de Padres-Nossos e uma centena de Ave-Marias. Mas não os posso dizer agora” (Hemingway, 1962, p. 106).

Santiago pressente que o momento final da batalha se aproxima, por isso não poderia rezar naquela hora. Ele precisa é que todas as suas forças estejam a postos e de seu corpo desperto para finalizar esta agonizante batalha que já durava mais de dois dias. No transcorrer desse tempo ele já havia sofrido com fome e sede, já tivera as mãos cortadas, além do rosto queimado pelo sol e pela água salgada do mar. Estes elementos foram suficientes para que ele desistisse ou perdesse a esperança? Não. O pescador buscou a esperança e através dela criou um sentimento de resiliência a partir de pequenas coisas, como o vento.¹

Aconselhando a si mesmo para que tenha calma e se encha de força (Hemingway, 1962, p. 110), o pescador está prestes a travar a última e derradeira batalha com o gigantesco peixe que fisgou. Finalmente ele consegue e se põe em direção à costa. Nesse momento, sua enorme presa começa a ser rodeada para posteriormente ser atacada pelos tubarões. Santiago consegue derrotar o primeiro deles: “o velho acertou-lhe em cheio. Acertou-lhe empunhando o arpão com aquelas duas mãos em carne viva e pondo nele todas as forças que conseguia reunir. Acertou-lhe sem grande esperança mas com firme decisão” (Hemingway, 1962, p. 124).

Entretanto, a batalha entre o pescador e os tubarões já era uma batalha perdida, e Santiago sabe disso. Por mais que ele tentasse manter uma ponta de esperança,² os tubarões farejariam o sangue do peixe na água e acabariam por se alimentarem dele, arrancando grandes nacos de carne. Nesse momento, o velho admite a sua derrota: “Você está cansado, velho, disse ele. Está cansado por dentro” (Hemingway, 1962, p. 137).

Devido ao fato de ver o peixe sendo aos poucos devorado pelos tubarões contra os quais tentou lutar de todas as formas possíveis, Santiago deixou-se tomar pela frustração. Quando admite estar “cansado por dentro”, os tubarões atacam mais uma vez e, curiosamente, apesar do cansaço conferido pela frustração e pelo sentimento de impotência, o velho continua lutando. Ele admite que não era de se esperar que conseguisse matar tão cruéis inimigos (Hemingway, 1962, p. 139), mas que mesmo assim lhes daria trabalho e “tivesse um cajado maior que pudesse segurar com as duas mãos, teria matado o primeiro, com certeza. Mesmo sendo um velho” (Hemingway, 1962, p. 139).

Aproximando-se da praia, Santiago fica a pensar em quem teria sentido sua falta. Considerando o que se passa em sua mente, sabe-se que não muita gente deve ter dado pela sua ausência – o que mostra a solidão em que vive o sujeito velho (não só no livro de Hemingway, mas na sociedade como um todo). Segundo o pescador, devem estar preocupados consigo o jovem Manolin

1 “Agora estão se levantando os ventos alísios. Mas isso até será bom para me ajudar a puxá-lo. Este ventinho convém-me muito” (Hemingway, 1962, p. 108).

2 “Mas o homem não foi feito para a derrota, disse em voz alta. Um homem pode ser destruído mas nunca derrotado” (Hemingway, 1962, p. 127).

e alguns dos pescadores mais velhos (Hemingway, 1962, p. 140). Mas, quase que automaticamente, uma mensagem de otimismo se lhe planta no pensamento, ao preconizar que “o pessoal da minha aldeia é gente boa” (Hemingway, 1962, p. 140) e que, portanto, deveriam estar preocupados também.

Essa questão demonstra o fato de que o velho deposita fé naqueles com quem convive, vendo neles o melhor – mesmo que eles digam pelas suas costas que ele não é mais capaz de exercer seu ofício, ou que seu barco é de má sorte, porque tripulado por um velho. O fato de o velho manter essa consciência em relação aos seus próximos faz com que ele preconize seu lugar na aldeia, criando um sentimento de pertencimento a algo e, portanto, de utilidade para outrem.

Nesse momento, a única coisa que dá a Santiago a certeza de que está vivo é a dor que sente em seu corpo (Hemingway, 1962, p. 142). Nessa altura do texto, Santiago parece fazer um exame de consciência: “Eu nunca tinha sido derrotado e não sabia como era fácil. E o que me venceu? pensou ele. Nada, disse em voz alta. Fui longe demais, foi o que foi” (Hemingway, 1962, p. 146).

Ao chegar à praia, o pescador retira o mastro da canoa e o carrega nas costas, buscando dirigir-se a sua casa. Nesse momento ele reconheceu a profundidade de seu cansaço. Ele caiu e ficou deitado por alguns minutos tentando rearticular suas forças, porém tal esforço lhe foi excessivo. Santiago repetiu esse processo várias vezes: “Teve de sentar-se cinco vezes antes de chegar à cabana” (Hemingway, 1962, p. 148).

Foi deitado sob uma manta e com jornais velhos fazendo as vezes de travesseiro que Manolin o encontrou no outro dia. O menino chorou vendo o estado a que estava reduzido seu velho amigo e rapidamente buscou para ele um pouco de café. Não se estranha que as primeiras palavras ditas por Santiago ao jovem amigo tenham sido: “Venceram-me, Manolin, falou a custo. Venceram-me, de verdade” (Hemingway, 1962, p. 151).

No entanto, a resposta do menino deixa claro quem de fato, ao menos no seu entendimento, se sagrou vencedor: “Ele não o venceu. O peixe, não” (Hemingway, 1962, p. 151). Ademais, Manolin coloca novamente a vida do velho em perspectiva quando lhe diz que precisa “curá-lo quanto antes, pois ainda

tenho muito que aprender e você pode ensinar-me” (Hemingway, 1962, p. 153).

Hemingway encerra o texto com o velho em sono profundo, sonhando com leões, e com o menino ao seu lado. Esse final enseja a ideia de que haverá ainda para Santiago um futuro, apesar do sofrimento pelo qual passou. Esse futuro pode ser entrevisto em uma recuperação, que advirá do descanso, e no carinho que Manolin sente pelo velho, além de demonstrar o quanto o menino confia nele enquanto mentor.

Apesar do teor dramático que perpassa *O velho e o mar*, é possível perceber que Santiago não percebe/ aceita essa etapa de sua vida como o fim ou como termo de seu ciclo vital. Tal elemento pode ser constatado pela sua resistência em relação ao peixe gigantesco e mesmo contra os tubarões. A ideia que surge na cabeça de quem se debruça sobre as páginas do texto é de que, enquanto existe vida, existe uma razão para lutar.

Santiago não chora nem se lastima. Ele recorda, sim, momentos de sua juventude, mas parecendo mais querer deles tirar forças do que retornar a eles. O pescador não se abate mesmo quando seu corpo está debilitado ao extremo. Assim, ele demonstra o quanto ainda é ativo e ocupado no desempenho de seu ofício, trazendo em si a ideia de alguém capaz de resistir às intempéries por toda uma vida.

Considerações finais

A proposta deste artigo – refletir sobre o envelhecimento e a resiliência tendo como parâmetro o texto literário – permitiu perceber alguns elementos importantes que seguem agora como resposta a alguns dos questionamentos que a leitura de *O velho e o mar* suscitou.

Em primeiro lugar, vale anuir que é possível relacionar resiliência e envelhecimento humano e entender a primeira como elemento que serve de parâmetro para construir uma força mental, ou uma capacidade de resistir aos ditames da vida. Mas é importante salientar que esta força não é construída de uma hora para outra. Ela tem sua origem em um processo que envolve o cuidado de si e elementos inerentes à construção do conhecimento sobre si que um sujeito adquire no transcorrer de sua vida.

Na construção desse conhecimento sobre si podem ser postos como princípios particularidades tais como a sabedoria que o sujeito vai adquirindo ao longo dos anos e que lhe permite ter maior consciência das suas decisões, possibilitando-lhe assim sofrer menos, na medida em que sua visão de mundo se amplia.

Portanto a sabedoria, enquanto elemento para configurar a forma de ver o mundo e de ser no mundo do sujeito velho, é importante para promover o conforto necessário nas suas tomadas de atitude, promovendo maior reflexão e maior segurança.

A memória também pode ser um elemento a ser associado a essa configuração da resiliência no idoso, bastando para isso lembrar que, em alguns momentos difíceis durante a sua batalha contra o peixe, Santiago retornava ao seu passado e buscava nessas memórias princípios que lhe garantiam a força necessária para seguir na sua luta. Se alguém foi capaz de vencer uma vez, é capaz de repetir este feito, mesmo que não de forma igual em termos de força e intensidade, por exemplo. É a sabedoria que dará a chave para alcançar nova vitória por novos caminhos.

O que o texto de Hemingway permite perceber é que a experiência de vida pode ser vista como uma forma de criar novos sentidos para o ato de viver, fazendo com que a partir daí o sujeito alcance uma transcendência que lhe proporcionará a condição necessária para sua sobrevivência, mesmo diante das mais duras provas e condições.

Para isso, o ser resiliente que se encontra na figura do velho Santiago construiu-se resiliente durante toda uma vida, fortalecendo com essa premissa a ideia de que a responsabilidade por uma boa ou má velhice também depende das decisões que o jovem de hoje toma em relação a si mesmo. Se esse sujeito se construir de forma significativa, enquanto ser que evoca o cuidado de si (Foucault, 1985), tal

elemento prefigurar uma força de resistência maior quando da velhice, permitindo uma vida ativa e prolífica.

Referências

- BARTHES, R. *A aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.
- CÍCERO. *A velhice saudável/O sonho de Cipião*. São Paulo: Escala, 2006.
- ELIAS, N. *A solidão dos moribundos seguido de "Envelhecer e morrer"*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- HEMINGWAY, E. *O velho e o mar*. 8. ed. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- PESSINI, L.; SIQUEIRA, J. E. Bioética, envelhecimento humano e dignidade no adeus à vida. In: FREITAS, E. V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 107-116.
- SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, 2008.
- VIEIRA, S. P. Resiliência como força interna. *Kairós: Gerontologia*, São Paulo, v. 13, p. 21-30, jun. 2010. Caderno temático 7.